



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - BACHARELADO**

**GAEL BARROS LIMA TERCEIRO**

**“TRAÇANDO PLANOS PARA CONTRA-ATACAR”: OS DESAFIOS DOS AGENTES  
ESCOLARES NO ENFRENTAMENTO À EVASÃO ESCOLAR NAS ESCOLAS  
MUNICIPAIS DE FORTALEZA**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

**GAEL BARROS LIMA TERCEIRO**

**“TRAÇANDO PLANOS PARA CONTRA-ATACAR”: OS DESAFIOS DOS AGENTES  
ESCOLARES NO ENFRENTAMENTO À EVASÃO ESCOLAR NAS ESCOLAS  
MUNICIPAIS DE FORTALEZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

**Orientador:** Prof. Dr. Luis Henrique Cunha

**CAMPINA GRANDE  
2023**

L732t      Lima Terceiro, Gael Barros.  
              “Traçando Planos para contra-atacar” : os desafios dos agentes  
              escolares no enfrentamento à evasão escolar nas Escolas Municipais de  
Fortaleza / Gael Barros Lima Terceiro. – Campina Grande, 2023.  
              46 f.

              Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.  
              "Orientação: Prof. Dr. Luis Henrique Cunha."  
              Referências.

              1. Educação. 2. Evasão Escolar. 3. Agente Escolar. I. Cunha, Luis  
Henrique. II. Título.

CDU 37(043)

GAEL BARROS LIMA TERCEIRO

“TRAÇANDO PLANOS PARA CONTRA-ATACAR”: OS DESAFIOS DOS AGENTES  
ESCOLARES NO ENFRENTAMENTO À EVASÃO ESCOLAR NAS ESCOLAS  
MUNICIPAIS DE FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Ciências Sociais da Universidade  
Federal de Campina Grande, como requisito  
parcial à obtenção do título de Bacharel em  
Ciências Sociais.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luis Henrique Cunha (Orientador)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ramonildes Alves Gomes  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria de Assunção Lima de Paulo  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
COORDENACAO DE GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900  
Telefone: (83) 2101-1200  
Site: <http://ch.ufcg.edu.br> - E-mail: [assadm@ch.ufcg.edu.br](mailto:assadm@ch.ufcg.edu.br)

### REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

#### **ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, NO DOMÍNIO DO BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 10 DE FEVEREIRO DE 2023.**

Ata da Sessão Pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do Discente **Gael Barros Lima Terceiro**, Matrícula 117130068, do Bacharelado em Ciências Sociais, Turno Diurno, Centro de Humanidades, Campus Central, Universidade Federal de Campina Grande. Aos 10 dias do mês de fevereiro, em uma sexta-feira, do ano de dois mil e vinte e três, das 15:00 às 17:00 horas, em Sala virtual, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos seus seguintes Membros: Prof. Dr. Luis Henrique Cunha (Orientador) - UACS/CH/UFCG; Profa. Dra. Ramonildes Alves Gomes (Examinadora interna) - UACS/CH/UFCG e a Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo (Examinadora Externa) - UACS/CH/UFCG. Após a apresentação da Banca Examinadora, o discente Gael Barros Lima Terceiro apresentou seu trabalho, intitulado: **"TRAÇANDO PLANOS PARA CONTRA-ATACAR": OS DESAFIOS DOS AGENTES ESCOLARES NO ENFRENTAMENTO À EVASÃO ESCOLAR NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE FORTALEZA**. Em seguida, o aluno foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora a respeito de suas análises na apresentação do seu trabalho. Com isso, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua Monografia, o discente obteve nota **9,5 (nove inteiros e cinco décimos)** e conceito Aprovado ao seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Face à aprovação, declara o orientador, achar-se o examinado, legalmente habilitado a receber o Grau de Bacharel em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que o mesmo faz jus. Não havendo mais nada a declarar, na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, Glauber Raniere de Medeiros Pereira, Secretário da Coordenação de Graduação em Ciências Sociais, o discente e os respectivos membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 10 de fevereiro de 2023.

01-Aprovação:

Prof. Dr. Luis Henrique Cunha

Orientador - UACS/CH/UFCG

Profa. Dra. Ramonildes Alves Gomes  
Examinadora interna - UACS/CH/UFCG

Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo  
Examinadora externa - UACS/CH/UFCG

Gael Barros Lima Terceiro  
Discente

Glauber Raniere de Medeiros Pereira  
Secretário da CGCS

02 -Recomendação:

2.1. Segue a presente Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão do Curso do discente **Gael Barros Lima Terceiro**, Matrícula 117130068, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.



Documento assinado eletronicamente por **Gael Barros Lima Terceiro, Usuário Externo**, em 13/02/2023, às 12:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE ASSUNCAO LIMA DE PAULO, COORDENADOR(A)**, em 13/02/2023, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUIS HENRIQUE HERMINIO CUNHA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 14/02/2023, às 08:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RAMONILDES ALVES GOMES, PROFESSOR 3 GRAU**, em 14/02/2023, às 19:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **GLAUBER RANIERE DE MEDEIROS PEREIRA, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 15/02/2023, às 07:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3068011** e o código CRC **9578B552**.

À sociedade, aos que compõem a UFCG, à  
minha família pelo incentivo ao estudo, e aos  
amigos e pessoas queridas que me circundam,  
DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à vida, pela dádiva de poder experienciar o mundo e conhecer pessoas, isso sempre me movimentou. Sou imensamente grato a todos que participaram do meu crescimento pessoal e profissional.

Em especial, agradeço imensamente a minha família por todo o incentivo que me deram aos estudos. Agradeço a vocês por todo o apoio prestado quando decidi mudar de Estado para ingressar na Universidade Federal de Campina Grande. Dedico este trabalho para minha mãe Thatiana Barros (*in memorian*), que partiu cedo demais e não pode ver esse sonho realizado. Sobretudo, gostaria de dedicar este trabalho para os meus avós Juca, Eunice, Manoel e Hilda, vocês que sempre me educaram da melhor forma possível, sempre me incentivaram a estudar e até hoje, cuidam e zelam pela minha vida. A realização disso é fruto do que me ensinaram. Agradeço a minha tia Jucieune Terceiro, por acreditar no meu potencial e nunca soltar a minha mão nos momentos que mais precisei, sou grato pelo suporte e amor que tens por mim. Agradeço também a minha madrinha, Hilva Terceiro, obrigado pelo amor e gentileza que sempre me tratou, pela parceria e suporte prestado nos momentos que precisei.

Sou imensamente grato à educação pública brasileira, pois toda a minha jornada escolar e acadêmica foram frutos de uma educação pública de qualidade. Assim, agradeço e dedico a todos os profissionais da educação. Que continuemos a lutar e defender uma educação pública de excelência para o povo brasileiro. Agradeço aos meus professores pelo conhecimento compartilhado. Sou grato, especialmente, ao meu orientador Prof. Dr. Luis Henrique Cunha, pela segurança com que me orientou na execução deste trabalho, pela parceria, paciência, compreensão, orientação e direcionamentos, sempre respeitando o meu ritmo de produção. Você foi essencial nesta etapa. Agradeço a todos que diariamente compõem e constroem a Universidade Federal de Campina Grande, muito obrigado!

Em especial, também agradeço aos amigos que fiz em Campina Grande, não tenho como citar todos, mas alguns foram fundamentais para que eu pudesse me sentir em casa mesmo em outro Estado. Especialmente, a Luana Gregório, que nunca me deixou questionar minha capacidade de concluir esta etapa, sou grato pelo incentivo, escuta, carinho e as incontáveis revisões deste trabalho. Sou grato também a Acácio Neto, pela parceria e acolhimento; ao Gabriel Moreno pela irmandade, e a sua família pela hospitalidade e cuidado, em especial, a sua avó Dona Socorro (*in memorian*) que sempre foi muito acolhedora comigo. Gostaria também de agradecer a Joana, nossas conversas sempre foram inspiradoras para mim. Por fim, agradeço aos envolvidos nessa pesquisa pelo tempo e disponibilidade.



## RESUMO

A pesquisa aqui apresentada tem como objeto de estudo os agentes escolares do município de Fortaleza - Ceará e como unidade de análise o projeto de combate à evasão escolar desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Tem como objetivo geral analisar as implicações da inserção desses agentes no ambiente escolar das unidades de ensino da rede municipal de Fortaleza, especialmente aquelas localizadas no bairro Conjunto Ceará. Para tal, buscou compreender as dinâmicas de aprendizado prático para o desempenho de suas funções, as técnicas e estratégias de interação com a comunidade de discentes e suas famílias, bem como analisar como os agentes escolares percebem seu papel de mediação social e os resultados que têm alcançado com seu trabalho no período de agosto de 2021 a dezembro de 2022. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória. Como procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas com os agentes escolares. A pesquisa destaca aspectos positivos e negativos enfrentados pelos agentes escolares e conclui que, apesar das dificuldades, o programa tem cumprido o papel de controlar a infrequência escolar e, conseqüentemente, evitar o fenômeno da evasão escolar. Ressalta ainda, a importância da atuação dos agentes escolares na construção das relações com as famílias dos estudantes.

**Palavras-chave:** Educação. Evasão Escolar. Agente Escolar.

## **ABSTRACT**

The research presented here has as object of study the school agents of the municipality of Fortaleza - Ceará and as an analysis unit the project to combat school dropout developed by the Municipal Department of Education of Fortaleza. Its general objective is to analyze the implication of the insertion of these agents in the school environment of the teaching units of the municipal network of Fortaleza, especially those located in the Conjunto Ceará neighborhood. To this end, it sought to understand the dynamics of practical learning for the performance of their functions, the techniques and strategies of interaction with the community of students and their families, as well as to analyze how school agents perceive their role of social mediation and the results they have achieved with their work from August 2021 to December 2022. This is qualitative exploratory research. As methodological procedures, interviews were conducted with school agents. The research highlights positive and negative aspects faced by school agents and concludes that, despite the difficulties, the program has fulfilled the role of controlling school infrequency and, consequently, avoiding the phenomenon of school dropout. It also emphasizes the importance of the work of school agents in the construction of relationships with the students' families.

**Keywords:** Education. School dropout. School agent.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. TRAÇANDO PLANOS: O PROGRAMA AGENTE ESCOLAR.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1. O PROGRAMA .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2. A ROTINA DO AGENTE .....</b>	<b>19</b>
<b>2. TECENDO PONTES: O AGENTE ESCOLAR E A RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1. AGENTES COMO MEDIADORES E FILTROS ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA.....</b>	<b>26</b>
<b>3. CONTRA-ATACAR: A AGENTE ESCOLAR E O COMBATE À EVASÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>3.1. VIVÊNCIAS E REFLEXÕES: ALÉM DOS MUROS .....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

A evasão escolar é uma problemática que persiste na educação brasileira há bastante tempo, gerando enormes prejuízos para o ensino-aprendizagem e aprofundando as desigualdades sociais. É um problema social que merece ser discutido continuamente, uma vez que sua ocorrência não pode ser normalizada. Durante o período de pandemia causado pelo coronavírus (Sars-CoV-2), as escolas tiveram que suspender suas atividades presenciais, visando reduzir os riscos de contaminação entre os estudantes e suas famílias, professores e funcionários. Devido à suspensão das aulas presenciais, muitos estudantes brasileiros foram afetados pelo temporário modelo de ensino à distância. Nesse período, os indicadores referentes à evasão escolar sofreram um aumento devido às dificuldades enfrentadas pela educação pública brasileira. Assim, foi necessário que os estados e municípios pensassem em estratégias que pudessem resgatar o estudante de volta para o espaço escolar.

Nesse contexto, esta pesquisa nasce de um dos projetos que visam prevenir a saída desses estudantes. Aborda a análise dos desafios enfrentados pelos Agentes Escolares no combate à evasão escolar na rede de ensino público do município de Fortaleza, especialmente as escolas de Ensino Fundamental I.

A preocupação com o tema surgiu durante os anos de 2020 e 2021, quando intensifiquei a atenção para as notícias que narravam a crescente situação de crianças e adolescentes que tiveram a necessidade de abandonar os estudos, visto que muitas famílias brasileiras estavam passando por uma delicada situação financeira, devido à crise econômica e de saúde vivenciada durante os meses de isolamento social em virtude da pandemia de Covid-19, e também por não possuírem os meios para dar continuidade aos estudos. Através das notícias foi possível perceber que os índices estavam crescendo bastante, despertando a preocupação de especialistas por desfazer todo o esforço do trabalho empreendido por anos.

Em agosto de 2021, após um ano e quatro meses de isolamento social, fui visitar meus familiares em Fortaleza, no Ceará. Na primeira semana me deparei com a notícia da abertura do edital<sup>1</sup> para Seleção Pública de Agentes Escolares, logo, pensei em participar pois seria uma ótima oportunidade para entrar em contato com o problema e aprofundar meu conhecimento sobre a questão que tanto me inquietava. Desse modo, prestei seleção para várias unidades escolares do meu bairro, sendo que fui escolhido para atuar numa escola de ensino infantil e fundamental I, com turmas do Infantil IV até o 5º ano com cerca de 598 alunos em idade escolar de 04 a 11 anos, onde era responsável por acompanhar

---

<sup>1</sup> <https://docs.google.com/document/d/1R5KxLGuSQ-YUB0GZdpBwOGXDn0hoMld/edit?rtpof=true>

aproximadamente 298 deles.

Portanto, esta pesquisa nasce da minha inserção neste ambiente como agente escolar, onde atuei durante 10 meses. Em junho de 2022, solicitei o meu desligamento do programa, entendendo que precisava focar em outros projetos. Contudo, a experiência como Agente Escolar me possibilitou compreender um pouco do funcionamento e estruturação da educação municipal de Fortaleza.

O Programa tem como objetivo reduzir ou zerar as taxas de evasão no município. A principal atribuição do agente escolar é justamente o acompanhamento das situações de infrequência escolar, a fim de evitar a evasão. Desse modo, a pesquisa realizada tem como objetivo geral analisar a implicação da inserção dos agentes escolares no ambiente escolar das unidades de ensino da rede municipal de Fortaleza, especialmente aquelas localizadas no bairro Conjunto Ceará. Para tal, buscou compreender as dinâmicas de aprendizado prático para o desempenho de suas funções, as técnicas e estratégias de interação com a comunidade de discentes e suas famílias, bem como analisar como os agentes escolares percebem seu papel de mediação social e os resultados que têm alcançado com seu trabalho.

Desde já, é importante ressaltar que se compreende as nomenclaturas evasão, abandono e infrequência como são utilizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep (1998): “evasão” é quando o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar; “abandono” significa a situação em que o aluno se desliga da escola, mas retorna no ano seguinte, enquanto a “infrequência” é quando o aluno não tem frequência regular. Assim, a pesquisa realizada discutiu as percepções dos agentes escolares quanto ao seu papel e lugar social na escola e na comunidade, bem como, as ações desempenhadas para o combate à evasão escolar entre os anos de 2021 e 2022.

A pesquisa é de caráter qualitativo, uma vez que busca analisar os fenômenos em seu contexto. Desse modo, para coleta de dados foram realizadas entrevistas com três agentes escolares de diferentes unidades de ensino. A escolha de apenas três agentes escolares foi feita por questão de tempo para a realização desta pesquisa. A entrevista foi realizada com roteiro organizado em três blocos: experiências, vivências e percepções. A escolha do modelo de roteiro se deu por compreender que as pessoas entrevistadas deveriam ter maior abertura para falar de suas experiências ao longo do programa, conhecer suas opiniões, estratégias e dificuldades, demandando assim um roteiro mais flexível e dinâmico. Juntamente com a entrevista foi aplicado um questionário socioeconômico preenchido pelas entrevistadas, visando conhecer o perfil socioeconômico dos agentes escolares. Portanto, optou-se por esse modelo pois é preciso captar a expressão dos processos internos vivenciados por cada agente,

ou seja, somente por meio da verbalização e reflexão dos participantes seria possível entender os desafios experienciados.

As entrevistas ocorreram em lugares diferentes, tendo sido acordados com a parte entrevistada a partir de sua disponibilidade. Utilizei nomes fictícios para os agentes entrevistados a fim de preservar a sua identidade.

A primeira agente escolar entrevistada foi Gisele. Realizamos a entrevista em um restaurante escolhido pela mesma. Ela é bastante comunicativa e, portanto, a entrevista fluiu de modo leve e descontraído. Ela tem 32 anos, solteira, se identifica como mulher cisgênero, negra e não têm filhos. Mora com os pais em imóvel próprio no bairro adjacente à escola em que atua, assim, todos os dias ela caminha até a unidade escolar para exercer as suas funções. Ela e sua família têm renda familiar de até três salários-mínimos. Gisele completou os estudos integralmente em escola pública e relatou ter vivenciado o abandono escolar durante o último ano de sua jornada escolar.

Gisele fez seleção para uma escola situada no bairro Conjunto Ceará, onde atua como Agente Escolar desde agosto de 2021, tendo seu contrato renovado com a Prefeitura de Fortaleza. Ela informou que antes de ser selecionada não tinha experiência na área da educação. A escola atende desde o ensino infantil V até o 5º ano do ensino fundamental I e possui aproximadamente 620 alunos matriculados. Atualmente ela acompanha cerca de 310 alunos, com idades entre 5 e 11 anos. Ela tem contato diariamente com esses alunos e suas famílias.

A segunda entrevistada foi Laura, que optou por realizarmos a entrevista em sua residência, próxima a escola em que atuava. Ela mora com a mãe e o padrasto em um imóvel alugado e possui renda familiar de três salários-mínimos. Ela realiza o percurso para a escola caminhando e algumas vezes de bicicleta.

Laura tem 22 anos, é solteira, não possui filhos e se identifica como mulher cis e negra. Completou a vida escolar integralmente em escola pública, possui graduação em Filosofia e atualmente é graduanda em Matemática. Relatou nunca ter vivenciado o abandono e evasão escolar durante sua jornada escolar e acadêmica. Por possuir graduação, Laura lecionou no ensino médio de uma escola pública durante o período do estágio na universidade, sendo esse o seu primeiro contato na área da educação.

Ela prestou seleção para uma escola também situada no bairro Conjunto Ceará, que atende alunos desde o ensino infantil IV até o 5º ano do fundamental I, com faixa etária de 4 a 11 anos. A escola atendia cerca de 598 alunos e Laura era responsável por acompanhar aproximadamente 300 crianças. Laura iniciou no cargo em agosto de 2021 e ficou até o fim

do contrato em agosto de 2022, quando optou por não renovar o contrato, tendo em vista uma nova oportunidade de trabalho. Laura é mais introspectiva e observadora, contudo, à medida que conversamos ela se mostrou aberta para relatar suas experiências. Desse modo, a entrevista fluiu de maneira agradável, totalizando aproximadamente uma hora de diálogo.

A última entrevistada foi Isabel. Ela optou que a entrevista ocorresse em minha residência. Isabel tem 30 anos, é solteira, não tem filhos, se identifica como mulher cis e negra. Reside com os pais em imóvel próprio, localizado no mesmo bairro em que trabalha. Devido à proximidade com o trabalho, ela vai caminhando todos os dias. Sua renda familiar é em torno de dois salários-mínimos.

Isabel completou a vida escolar em escola pública, é graduada em Educação Física e possui pós-graduação na área. Relatou nunca ter vivenciado o abandono ou evasão escolar durante a jornada escolar e acadêmica. Sua primeira experiência na educação foi durante os estágios da faculdade, quando atuou com alunos do ensino fundamental I, fundamental II e ensino médio.

Em agosto de 2021, ela prestou seleção para agente escolar e desde então atua numa escola de ensino fundamental I. A unidade escolar atende crianças de 4 a 11 anos, assim, recebe alunos do último ano do ensino infantil até o 5º ano do ensino fundamental I. Atualmente ela acompanha aproximadamente 200 alunos e suas famílias. Isabel é comunicativa e alegre, se mostrou totalmente aberta para relatar suas vivências na função. Nossa conversa durou aproximadamente 48 minutos.

O presente trabalho está estruturado, além desta introdução que apresenta a temática de forma geral, bem como aponta alguns significados do conceito de evasão escolar, os objetivos da pesquisa e sua importância, em mais três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o programa e as rotinas de trabalho das agentes. Neste, são apresentados dados captados a partir dos formulários e entrevistas. O capítulo 2 diz respeito à experiência de inserção dos agentes nas unidades escolares. Neste, são apresentados elementos captados nas entrevistas. O terceiro capítulo trata da discussão acerca do agente escolar e a evasão. Neste, apresento a problemática da evasão e o papel do agente escolar. Por fim, nas considerações finais, retomo aspectos gerais da pesquisa e aponto os resultados construídos com base na análise da problemática.

## 1. TRAÇANDO PLANOS: O PROGRAMA AGENTE ESCOLAR

Durante os anos de 2020 e 2021, o mundo foi drasticamente afetado pela transmissão do vírus SARS-CoV-2, culminando em milhares de mortes e uma pandemia global, a da Covid-19. Foi necessário meses de isolamento social e suspensão de diversas atividades, alterando a dinâmica socioeconômica de diversos países e pessoas, visando a redução das taxas de contaminação e mortes.

Este foi um período de intenso debate sobre os efeitos da pandemia na educação brasileira, uma vez que foi crucial o fechamento de unidades escolares e a utilização do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para o ensino remoto (SENHORAS, 2020). Gago e Corbellini (2021) apontam que, após o início da pandemia, a situação referente a evasão escolar aumentou significativamente, pois as escolas precisaram passar por readaptações na tentativa de manter o ensino, contudo, as dificuldades enfrentadas pelas famílias como falta de recursos tecnológicos, falta de acesso à internet, falta de espaço apropriado dentro dos lares, bem como a falta de habilidades em manusear equipamentos e plataformas digitais propiciaram a evasão.

Assim, durante todo o período de pandemia, os docentes e discentes de diferentes faixas etárias foram afetados e observou-se a tendência da acentuação de muitas das desigualdades educacionais já existentes, inclusive, as dificuldades de acesso e de aprendizagem a distância pela carência de TICs. De acordo com Neri e Osório (2021), autores do artigo **Evasão escolar e jornada remota na pandemia**, os alunos pobres e que frequentam a escola pública tiveram um prejuízo no desempenho escolar maior se comparado aos alunos ricos e que frequentam escolas particulares, em que tem se enfatizado os prejuízos aos discentes da rede pública de ensino, visto que uma das maiores barreiras ao ensino remoto de qualidade é a conectividade, como demonstra pesquisa realizada pelo IPEA, em 2018, que aponta que cerca de 16% (aproximadamente 4,35 milhões) dos alunos de ensino fundamental não tinham acesso à internet no país, sendo quase a totalidade estudantes da rede pública de ensino.

Percebeu-se também os impactos potencialmente mais severos nos primeiros anos do ensino fundamental. Segundo Neri e Osório (2021, p. 43) “a comparação de faixas etárias sugere que os alunos mais novos que vinham tendo maior nível e progresso relativo de indicadores educacionais ao longo do tempo foram os mais adversamente afetados durante a pandemia”. Assim, apresentaram maior evasão e também menor quantidade de horas de aula e estudo se comparado aos alunos de 15 a 17 anos.



Neste contexto, o debate sobre evasão escolar também ganhou novo significado, atualizando uma preocupação antiga dos estudiosos da educação brasileira, dado que afeta principalmente estudantes cujas famílias se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica, visto que o sistema educacional brasileiro já enfrentava dificuldades em manter esses estudantes nas escolas (NEY; SOUZA; PONCIANO, 2010). Como apontam Neri e Osório (2021), é importante ressaltar que a evasão escolar entre os grupos de 5 a 9 anos teve um aumento de 290,8% ao longo de 2020 no Brasil. Desse modo, podemos inferir que os mais pobres, os alunos atendidos pela rede pública, aqueles que residem em lugares mais remotos e os mais jovens foram os que mais perderam na pandemia (NERI; OSÓRIO, 2021).

A rede pública municipal de Fortaleza atende aproximadamente 242 mil alunos, e durante os anos em que houve a necessidade de realizar o isolamento social os discentes tiveram que se adaptar às aulas de forma remota, sendo muitos deles afetados pelas dificuldades aqui já discutidas. O retorno presencial da rede pública foi o último a acontecer no município dadas as exigências sanitárias que demandaram mudanças estruturais nos prédios para receber todos os alunos de forma segura e o manejo da quantidade de alunos que poderiam frequentar aulas presenciais naquele momento.

Pensando na problemática a ser enfrentada e visando o retorno presencial das atividades escolares dos alunos atendidos pela rede, a Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SME), lançou, em agosto de 2021 o edital para a seleção de agentes escolares. A seleção dos agentes foi uma das ações propostas pelo pacote de “Volta às Aulas” da rede municipal de ensino, que tinha por objetivo o retorno seguro da rotina escolar presencial.

Garantir que os alunos retornassem em segurança para a escola era uma necessidade, mas resgatar alunos que não se adaptaram ao ensino remoto e/ou por outras questões abandonaram os estudos era uma prioridade. A pandemia acabou gerando enormes impactos para a educação brasileira que não estava pronta para realizar o ensino à distância. Era preciso realizar um trabalho de conscientização e sensibilização com as famílias, pois a evasão tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelas redes do ensino público, com consequências sociais e políticas que afetam a sociedade como um todo. Portanto, para que as pessoas possam concluir seus estudos, tenham na escola não apenas um ambiente prazeroso, mas um espaço que trabalhe no processo de conscientização visando à formação humana, é necessário traçar planos!

## 1.1. O PROGRAMA

Em julho de 2021, visando o retorno presencial das suas atividades escolares, a Prefeitura Municipal de Fortaleza lançou o “Pacote Volta às Aulas”. A fim de garantir a retomada das atividades presenciais, as estratégias do pacote tinham como foco o enfrentamento do abandono escolar, rastreamento dos casos de Covid-19 na rede, alimentação dos estudantes e apoio tecnológico. Segundo o Prefeito José Sarto Nogueira Moreira (PDT), em transmissão pelas redes sociais, foram investidos R\$83,8 milhões no pacote para o retorno às aulas presenciais.

Desse modo, em uma das ações estratégicas do pacote que tinham como objetivo o enfrentamento do abandono escolar, a Prefeitura Municipal de Fortaleza, através de sua Secretaria de Educação, em agosto de 2021, recebeu inscrições para seleção de mais de 1300 agentes escolares. Os agentes selecionados, em regime de voluntariado, iniciaram suas atividades no dia 16 de agosto nas 580 escolas da rede municipal de ensino, tendo como funções o apoio a gestão na rotina escolar, a identificação e acompanhamento dos alunos em situação de possível abandono escolar, apoio à escola no diálogo com a família ou responsáveis para coletar informações a respeito da infrequência e evasão; entre outros.

Os profissionais/voluntários devem possuir no mínimo o ensino médio completo, de acordo com o descrito no edital, tendo sua pontuação aumentada em caso de ensino superior e outras experiências na área da educação. Estes profissionais foram escolhidos através de seleção pública para ocuparem os cargos de agente escolar com vínculo de trabalho de voluntariado, no qual recebe ajuda de custo de R\$1.050,00 (Um mil e cinquenta reais) para passagem e alimentação.

O processo seletivo era realizado pela gestão de cada unidade escolar. Assim, os candidatos deveriam entregar a documentação solicitada na data estabelecida pelo edital e aguardar o contato das escolas. Após a fase da entrega da documentação seriam realizadas as entrevistas com a gestão de cada unidade escolar que o candidato submeteu a sua inscrição, tendo cada fase a sua pontuação e a somatória final para classificação.

No edital tinha a indicação que o candidato estivesse de preferência domiciliado no mesmo bairro que a unidade escolar em que submeteu sua inscrição. Creio que tal indicação seja uma tentativa de integração e pertencimento, uma vez que o candidato já conhecia o bairro e sua dinâmica.

O ingresso desses agentes nas escolas se deu no momento de retorno das atividades presenciais, ainda em sistema híbrido, depois de mais de 17 meses de aulas remotas em

virtude das medidas de distanciamento social implementadas durante a pandemia de COVID-19. Em cada uma das escolas atuam entre 01 e 04 agentes, que em média ficam responsáveis por 70 a 200 alunos, podendo ser crianças do ensino infantil até o 9º ano do fundamental II, dependendo do porte da unidade escolar. Os agentes, em acordo com a gestão da unidade escolar, ficam livres para decidirem como realizar a divisão dos alunos e as melhores estratégias de acompanhamento.

Além do trabalho desenvolvido pelos agentes nas escolas municipais, existe a função do agente escolar que atua em cada distrito de educação. São 36 agentes escolares distribuídos entre os seis distritos. Esses agentes que atuam no distrito são preexistentes ao cargo do agente escolar que atua na unidade escolar. Os agentes que atuam diretamente nos distritos são responsáveis por acompanhar os agentes que estão realizando a busca ativa nas unidades escolares. Desse modo, colocar os agentes dentro das unidades escolares para realizar o acompanhamento dos possíveis casos de abandono seria um plano para o combate à evasão escolar, uma vez que a atuação direta dos agentes escolares com as famílias é de grande importância para o mapeamento dos possíveis casos de evasão escolar e para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

O programa é desenvolvido de modo específico nas escolas, pois cada unidade possui suas demandas particulares, como porte e quantidade de alunos atendidos, estratégias desenvolvidas em parceria com a gestão escolar e demais orientações e direcionamentos que possam surgir por meio da Secretaria Municipal de Educação.

## 1.2. A ROTINA DE TRABALHO

O agente escolar é responsável por combater a evasão escolar nas unidades de ensino municipais da cidade de Fortaleza, capital do Ceará. A atuação dos agentes nas escolas municipais de Fortaleza possibilita que desempenhem a mediação entre diferentes sujeitos envolvidos com os processos de ensino-aprendizagem. Os agentes escolares desenvolvem suas atividades em diálogo direto com representantes da gestão escolar; com professores e professoras; com os próprios estudantes e, especialmente, com suas famílias. Entre as atividades que os agentes desempenham, pode-se destacar ainda: o diálogo com os familiares e responsáveis, visando coletar informações sobre a infrequência do aluno e sua possível evasão; apoiar a escola mantendo diálogo direto com docentes e gestão para realizar o acompanhamento diário da frequência do estudante e identificar os alunos em situação de possível abandono no turno regular e contraturno; colaborar com o processo de organização pedagógica da unidade de ensino; acompanhamento e acolhimentos dos discentes.

As agentes entrevistadas atuam em escolas no bairro Conjunto Ceará, localizado na zona sudoeste da cidade de Fortaleza. O bairro é o sétimo mais populoso da capital. De acordo com o Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Conjunto Ceará conta com aproximadamente 43 mil habitantes. O projeto do bairro foi pensado no fim da década de 1970, sendo desenvolvido pela Companhia de Habitação do Ceará e inaugurado em 1977. O Conjunto Ceará foi idealizado utilizando o conceito urbanístico de Clarence Perry, assim o bairro se estrutura em unidades de vizinha (UV), onde cada unidade possui uma escola e um espaço de convivência para os moradores. Apesar de estar localizado na periferia de Fortaleza, o bairro conta com 13 escolas públicas estaduais e municipais, Delegacia de Polícia Civil, Quartel da Polícia Militar, Quartel dos Bombeiros, Hospital Distrital, Posto de Saúde, Terminal de ônibus, Vila Olímpica, Centro Comunitário, polo de lazer com quadras e pista de skate, Detran, Correios, dentre outros equipamentos. O bairro possui a terceira melhor condição de infraestrutura domiciliar de Fortaleza, pois conta com mais de 700 estabelecimentos como farmácias, bancos, supermercados, restaurantes, academias, lojas de varejo e etc. De acordo com pesquisa<sup>2</sup> realizada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza, baseada nos dados do Censo de 2010 do IBGE, o Índice de Desenvolvimento Humano do bairro é de aproximadamente 0,36,

---

2

<http://salasituacional.fortaleza.ce.gov.br:8081/acervo/documentById?id=22ef6ea5-8cd2-4f96-ad3c-8e0fd2c39c98>

sendo assim, considerado médio e ocupando a posição 56º no ranking montado pela pesquisa da Secretaria. É um bairro grande e populoso, demandando, assim, a atuação de diversos agentes escolares, visto que muitas escolas estão localizadas lá.

Entendendo o objetivo da sua função na escola, a rotina diária do agente escolar começa muitas vezes recepcionando os alunos na unidade, realizando atendimentos na secretaria - local onde presta auxílio à gestão. Em seguida, o agente escolar se direciona às salas de aula para realizar a frequência escolar. É a partir da obtenção da frequência que o agente escolar está munido para realizar a sua função primordial, identificar os alunos faltosos de cada turma e realizar os procedimentos da busca ativa. O processo de busca ativa se estrutura em quatro etapas, sendo elas: ligações telefônicas, comunicado por escrito e visita domiciliar, bem como, encaminhamento para o Conselho Tutelar em alguns casos.

Laura traz um relato do seu dia a dia na unidade escolar em que atua:

*“a rotina de um agente escolar é chegar na escola e receber alunos, coisas que não esperava da minha parte, mas receber alunos, atuar na secretaria e atuar diretamente com vidas em casos de crianças e famílias. E ali tentar dar um jeito de poder auxiliar da melhor forma possível. Então sendo agente escolar com a ideia de que eu precisava trazer o aluno para escola, tentar compreender a situação que ele tava passando para justificar falta ou para realmente dar uma ideia, uma luz para aquela família para que o aluno não se prejudicasse por qualquer acontecimento em casa. Era realmente vai, faz, aprende o que fazer e arranja saídas, né?! Então assim, nesse dia a dia a gente passava a conviver com situações inesperadas, situações que enfraqueciam a gente no dia a dia, que a gente não esperava mesmo e também com situações que a gente sabia que era uma coisa assim... mais uma banalização da educação, algumas famílias que não davam tanta importância e davam uma desculpa que a gente ficava: “meu Deus isso aqui, traz a criança para escola, pelo amor de Deus”, mas de resto cumpria coisas na secretaria, a gente aprendeu muitas coisas dentro da secretaria, de como a escola funciona, trabalhando não só com essa parte diretamente com a família, mas também com os professores, com uma rotina dentro de uma escola, com os alunos de idades diferentes, com situações diferentes. E eu acho que é isso, foi muita, muita experiência numa rotina só. Chegava na escola às 7 horas da manhã e a gente fazia esse aguardo dos alunos, porque muitos alunos chegavam atrasados. Então quando era mais ou menos 07:40h da manhã, a gente*

*iniciava essa rotina e a gente ia de sala em sala fazer a frequência para saber quantos alunos faltavam em cada sala. Era uma escola do Infantil V até o quinto ano. Então ia no Infantil V na ordem bem direitinho, primeiro o infantil V até chegar no quinto ano, em cada sala a gente recebia aquela informação da professora, “olha esse aluno não tá vindo há tanto tempo, é bom tentar entender o que tá acontecendo”, e aí era repassado para gente a situação. Às vezes a gente já tinha essa justificativa, “o aluno tá doente, tente compreender”. Aí a professora justificava, mas em alguns casos recorrentes de falta a professora chamava nossa atenção e ali iniciava o nosso real trabalho de fazer uma busca ativa, de tentar entender porque aquele aluno não está indo para escola. Então a gente fazia essa frequência, retornava à secretaria, que era o local onde a gente atuava e iniciava uma busca, (...) ligava ou mandava mensagem, com alguns pais a gente tinha mais contato pelo WhatsApp que era mais fácil ser respondidos, outros a gente realmente fazia a ligação e quando não existe esse contato, quando a gente ligava não tinha como atender ou não atendiam, a gente tinha que fazer uma visita para tentar compreender o que estava acontecendo.”*

Os agentes escolares iniciaram na função em um período muito delicado para a educação pública: o retorno às atividades presenciais na escola após a pandemia. Naquele momento, os agentes foram muito importantes no apoio à gestão escolar, pois realizaram os cadastros dos alunos e auxiliaram as famílias na utilização do sistema Rastreo Covid Fortaleza, desenvolvido pela Fundação de Ciência, Tecnologia e Inovação (Citinova), em parceria com a Secretaria de Saúde e da Educação. O sistema desenvolvido é uma das ações do pacote “Volta às aulas” da Prefeitura, que tinha como objetivo conter surtos e evitar novas ondas de transmissão da doença e ainda, monitoramento dos casos em cada unidade escolar.

No período dos cadastros, os agentes escolares iniciaram o contato com as famílias, e em alguns casos as auxiliavam no preenchimento do sistema, visto que muitas famílias não possuíam aparelho celular ou conexão de internet. Nesse momento, os agentes receberam tablets e chips, para auxiliarem no preenchimento do sistema.

Assim, com o retorno das aulas, ainda em sistema híbrido, os agentes realizavam o acolhimento dos estudantes e o preenchimento do sistema para aqueles que tinham dificuldades, fortalecendo o vínculo com as famílias diariamente, uma vez que a criança precisava estar apta pelo sistema para comparecer às aulas. Aqueles que não estavam aptos em sua semana de aula, eram contactados pelos agentes a fim de colher mais informações

sobre os sintomas da criança e/ou responsáveis, uma vez que o sistema também coletava informações dos familiares próximos. Realizavam também um trabalho de conscientização com as famílias para que não levassem sua criança doente para a escola e que o responsável se dirigisse até a unidade escolar para a coleta e entrega de atividades que deveriam ser feitas em domicílio. O primeiro momento de interação com as famílias foi importante para que o agente pudesse conhecer a comunidade escolar e vice-versa, já que esse também foi o primeiro contato das famílias com aqueles profissionais.

Assim, o trabalho do agente escolar vai se mostrando importante dentro das unidades, pois o contato direto com as famílias é importante para manutenção do vínculo de parceria entre escola e comunidade. De acordo com as entrevistadas, os agentes escolares iniciaram no cargo sem nenhuma formação por parte da Secretaria Municipal de Educação. Desse modo, descobriram com a vivência e a prática diária os desafios que viriam a enfrentar no percurso. Somente após um ano exercendo a função é que os agentes escolares ganharam uma formação da Secretaria Municipal de Educação abordando o tema: a paz nas escolas.

Seu trabalho não consiste apenas no diálogo com as famílias, gestores e professores, nem tão pouco em uma rotina administrativa. Um outro aspecto a ser destacado é que eles assumem uma postura ativa em relação a todos estes agentes. Ou seja, dadas as suas funções, eles não apenas atendem estudantes e famílias e levam demandas a diretores e docentes. A natureza de sua função implica sair dos muros escolares e visitar aquelas famílias cujos filhos deixaram de comparecer à escola.

Desse modo, é assumindo uma postura ativa que o agente escolar atravessa os muros da escola e vai em busca de compreender as motivações dos alunos que pararam de frequentar a escola e se mantêm infrequentes. É no trabalho de busca ativa que os vínculos com a comunidade local são estabelecidos, uma vez que realizam as visitas domiciliares e tornam-se conhecidos, ou melhor, reconhecidos como funcionários da escola do bairro em que estão lotados. Na maioria dos casos que envolvem visita domiciliar, os agentes a realizam a pé, caminhando até o endereço do aluno.

Chegando na residência, os agentes conversam com os responsáveis pela criança, realizando muitas vezes um papel de conscientizador educacional, com o intuito de que as famílias possam compreender a importância da educação na vida de suas crianças, bem como, da sociedade. Além de tudo, o agente adentra o cotidiano daquelas famílias que por eles são acompanhadas, uma vez que o contato rotineiro coloca o agente em um lugar mais próximo da realidade dos alunos. É no fazer diário que o agente escolar consegue captar os sinais que podem levar um aluno a evadir da escola, sendo preciso conhecer todos os casos de

infrequência da escola para que possam ser traçadas estratégias que tragam aqueles alunos de volta para o ambiente escolar.

Portanto, é atravessando os muros e estabelecendo pontes que o agente escolar consegue alcançar os objetivos da função, um trabalho que deve ser paciente, efetivo, compreensivo e atento, para que assim possa entender como funcionam as dinâmicas das famílias, a realidade social que estão inseridas, os problemas que enfrentam e que podem acarretar prejuízos para o desenvolvimento socioeducacional de seus filhos. É a partir do entendimento da realidade vivenciada pelos alunos e seus familiares que os agentes conseguem realizar o seu trabalho.

## **2. TECENDO PONTES: O AGENTE ESCOLAR E A RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS**

Tecer pontes é um dos pilares que ajudam a realização do trabalho do agente escolar, visto que é através do vínculo firmado com as famílias que a cooperação para o combate à evasão acontece. A relação estabelecida entre eles é uma parceria que resulta numa maior aproximação da família com a escola. Como o contato com as famílias dos alunos infrequentes é realizado diariamente, as famílias começaram a compreender o real papel do agente escolar dentro da escola, tornando-o mais aceito e entendido pelos familiares não apenas como aquele que faz questionamentos e cobranças sobre a não presença do aluno na escola, mas também, como aquele que facilita o contato da família com a escola e exerce um papel importante para a educação.

Durante as entrevistas realizadas com as agentes escolares, elas mencionaram que se enxergam como uma ponte entre família e escola. Assim, ao ter a percepção que seu trabalho se transporta para além dos muros da escola e que sua função têm um papel social muito importante na vida das famílias, sobretudo, das crianças, é que o agente começa a perceber como de fato funciona o seu trabalho e as suas contribuições. Desse modo, são com as ações



empreendidas por eles que a frequência escolar aumenta, e conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem pode se tornar mais efetivo na vida escolar daqueles estudantes.

Sabendo da importância do agente escolar na relação escola-família é que podemos entender o processo de formação dessas pontes. É preciso que o agente possua todo o apoio da gestão, quadro de docentes e demais colaboradores da unidade escolar para realizar o objetivo da sua função. Pois ele necessita, em acordo com a gestão da escola, elaborar estratégias e as melhores formas para abordar as famílias, visando sempre a conscientização e importância do aluno na escola. O contato com o quadro de docentes é imprescindível, pois são os professores que passam a frequência todos os dias, e de acordo com as entrevistadas, muitos professores indagam sobre a infrequência constante de alguns alunos. Posto isso, sempre é necessário realizar a busca ativa, por meio de ligação telefônica ou mensagem no Whatsapp, para que possa ser dado o feedback aos docentes.

Segundo as entrevistadas, muitas vezes os docentes desconhecem os problemas enfrentados por algumas famílias, enquanto em outras situações a infrequência de alguns alunos já é conhecida pelos docentes, pois já foram educadores de alguém da família do discente faltoso. Como um caso narrado por Laura, durante seu período de atuação como agente escolar. Ela relatou que existia uma família em que três irmãos estudavam na mesma escola e eram muito infrequentes, sendo que os irmãos mais velhos já haviam estudado lá e eram conhecidos pelos professores pelas dificuldades que a família enfrentava. No entanto, a preocupação dos professores, nesse caso, era dobrada, pois tinham medo que o ciclo se repetisse com mais uma geração daquela família, visto que os irmãos mais velhos haviam evadido da escola e abandonado os estudos. Laura relatou que somente a visita domiciliar surtia efeito nesse caso, visto que a família não possuía aparelho celular ou fixo, impossibilitando a comunicação. Portanto, o ato de ser ponte é importante para que o ciclo da evasão escolar seja rompido em algumas famílias, a fim de garantir o direito da criança aos estudos, de frequentar a escola e de uma formação humana digna.

Podemos captar isso no relato de Gisele:

*“Cada criança tem a sua particularidade, a gente precisa entrar no universo delas. Então a gente acaba por entender a funcionalidade de cada família. É exatamente nessa mediação, é como se fossemos a ponte, porque geralmente o gestor ele não tem muito tempo de passar a ponte até a família e a família geralmente tá trabalhando, tá fazendo a feira de casa e etc, às vezes não quer*

*fazer a ponte até a escola. Então a gente é realmente a ponte e muita água passa por debaixo dessa ponte, muita história.”*

Apesar de todas demandas exercidas pelo agente dentro da escola, quando ele deixa a unidade escolar e vai em busca do aluno em seu domicílio, percorrendo as ruas do bairro e se inserindo na comunidade, é que o agente se torna conhecido pelos moradores, que já os identificam e sabem o que estão indo fazer. De acordo com as entrevistadas, as frases mais escutadas durante o percurso para as visitas são: “*já está indo buscar os faltosos é?*”; “ *você está procurando algum aluno?*”, ou como relatado, muitas vezes os agentes estão fora do seu horário de trabalho e são surpreendidos na rua pelos responsáveis de algum aluno infrequente que querem justificar a falta do filho. Dessa forma, os agentes que antes de exercer a função não eram, muitas vezes, conhecidos no bairro, passam a ser identificados pelos moradores da comunidade como o responsável por fazer os alunos irem para a escola.

Talvez por isso, o edital sugeria aos gestores que realizassem a escolha de um agente escolar que residisse no mesmo bairro da escola. Ponto destacado na fala da agente Laura:

*“acho que um dos princípios de buscar uma pessoa que seja próximo da escola que era uma coisa que tava no edital era justamente por uma ideia de você poder acolher a galera que tá ali do seu lado, muitas pessoas conhecidas ou se não eram tornaram-se conhecidas pra gente, porque vivem na mesma situação, no mesmo bairro e a gente sabe como é a dificuldade, as coisas.”*

Contudo, os agentes não são apenas pontes entre a escola e família, muitas vezes esses agentes atuam como mediadores e filtros nessa relação, pois são eles que em diversas situações realizam a mediação entre família e gestão, ou família e docentes, bem como, realizam a filtragem de algumas questões e encaminham para a pessoa responsável.

## **2.1. AGENTES COMO MEDIADORES E FILTROS ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA**

Como já explanado em outra seção, os agentes atuam dentro e fora da escola construindo pontes, mas também são mediadores e filtros dentro da instituição. Como o relacionamento com as famílias dos estudantes acaba sendo cotidiano, o agente é colocado numa postura pragmática, ou seja, no entendimento dos responsáveis pela criança o agente

acaba sendo esse que tudo resolve. São nesses momentos que o agente precisa adotar uma postura de mediação ou filtro, pois ele não é responsável por outras demandas junto às famílias.

Durante as entrevistas, as agentes relataram que devido a relação construída com os responsáveis, alguns deles acabam confundindo o papel do agente. Como isso acontece? Muitas vezes os responsáveis querem que o agente resolva tudo do dia a dia da criança na escola, por exemplo: o aluno esqueceu de levar um livro, automaticamente o responsável envia mensagem ou realiza uma ligação para o agente pedindo que o mesmo informe ao professor de seu filho o motivo do esquecimento. Outra situação corriqueira são os responsáveis por alunos de pouca idade pedirem aos agentes para que fossem até a sala de aula ver se seu filho está bem. Situações que envolvem *bullying*, brigas ou alguma outra reclamação, quase sempre são feitas primeiramente para o agente.

Desse modo, cabe ao agente exercer a postura de mediação em casos como justificar para os professores os motivos que estão gerando infrequência de determinado aluno ou mesmo, em conversas com a gestão para tentar solucionar algum caso de infrequência que o agente não esteja obtendo êxito na resolução. Muitas vezes os responsáveis contactam o agente visando resolução de problemas, sejam eles coisas pequenas ou mesmo problemas mais sérios. Devido à proximidade com o agente, os responsáveis acabam se sentindo mais confortáveis para conversar assuntos mais pessoais da família ou do aluno que estejam afetando o seu desempenho escolar. Existem alguns assuntos que precisam ser filtrados pelos agentes e destinados aos profissionais responsáveis pela tomada de decisão ou resolução do problema.

Esses foram pontos trazidos pelas próprias entrevistadas que se sentem e enxergam dessa forma. Podemos captar isso no relato feito por Laura:

*“Sendo sincera, de fato eu me sentia como uma peneira. Tipo assim, a gente tem uma comunidade familiar muito grande comparada a equipe escolar que é bem pequena, é muita informação para poder chegar já a coordenação, a diretora. Então a gente abrangia informações que a gente dava para lidar, por exemplo: “meu filho vai faltar por três dias porque ele está doente”. Isso não é uma coisa que a gente já tinha que chegar e passar para a coordenadora, porque a gente justificava no sistema e tudo bem. Já quando era uma informação assim que a gente compreendia que de fato era muito importante de passar para eles, aí sim a gente via uma certa relevância de passar para eles, por exemplo: “Olha tal aluno*

*quebrou o braço, ele não vai poder vir por 15 dias né ou mais”. E aí poder ter essa, esse controle de informações necessárias, não dizendo que as outras não são necessárias, mas necessárias para se passar e justificar com os coordenadores e até diretores.”*

Desse modo, podemos perceber que os agentes acabam por exercer não apenas uma função de busca ativa, mas também precisam realizar um trabalho de escuta e tomada de decisão, a fim de garantir que os direitos das crianças não sejam desrespeitados. Gisele, outra entrevistada, diz que a relação construída com os responsáveis é boa porque com o tempo o agente começa a entender cada caso e como ajudar cada aluno. Segunda ela:

*“as mães, com o tempo, elas começam a confiar em você. Então, aquelas mentiras básicas elas não têm mais, ela já começou a falar a verdade e você começa a conhecer cada caso, você sabe quem é o pai, os pais separados, o porquê dos conflitos. Você sabe quais são as crianças que têm doenças crônicas, as crianças que realmente precisam de uma atenção especial, as crianças que moram com os avós, as crianças que o pai mora aqui em Fortaleza e a outra mora em outro estado, então têm que passar temporada em Fortaleza e passar temporada em outro estado.”*

Isabel também trouxe essa narrativa do papel do agente não só como ponte, mas também como mediador:

*“vamos dizer assim uma ponte, né?! Para conseguir ter uma comunicação. Inclusive, quando eles têm algum determinado problema pessoal chega para mim e diz “Olha tá acontecendo isso aqui, me separei do meu esposo.” Eu vejo que eles têm uma segurança em mim e eles conseguem passar as angústias, as preocupações e o que tá acontecendo. Inclusive, tem mãe que chega para gente dizendo que não tem alimento, e a gente junta toda a equipe para fazer alguma “cestazinha” e dar aquele suporte.”*

Portanto, é necessário que o agente tenha uma postura resolutiva em muitas questões dentro e fora da escola. É preciso manter um diálogo e atitudes que fortaleçam a relação já conquistada com as famílias para que possam realizar um trabalho real e efetivo. Pois nada

surtiria efeito no trabalho do agente escolar se não fosse a relação de confiança construída junto às famílias dos estudantes.

Segundo Laura, a agente escolar conseguiu aproximar a escola da família e vice-versa. Ela relata que a proximidade com as famílias foi crucial:

*“Assim, questão de proximidade, tornar mais próximo uma coisa que antes não era. Sei lá, para poder passar todos os casos para a diretora, é uma coisa muito complexa porque ela é cheia de coisas, assim às vezes não vai dar tempo, os horários não vão bater. E aí com o agente escolar não, era algo meio que a gente estava sempre disponível para ouvir a comunidade. Então quando eles queriam falar qualquer coisa, nem que fosse tirar uma dúvida, fazer uma reclamação a gente tava ali. Então eu acho que sim, funcionou muito com a ideia da proximidade.”*

Como dito por Gisele, Isabel e Laura, a maior estratégia do agente escolar parece ser a construção de uma relação próxima e constante fortalecimento do vínculo com as famílias, para que assim elas se sintam mais dispostas a falar a verdade sobre a ausência da criança, bem como, de receber as cobranças realizadas pelos agentes escolares.

Ainda segundo Laura, apesar de não ter planejado a aproximação com as famílias, com o tempo percebeu que seria sua maior aliada no combate à evasão. Ela relata que:

*“acho que não foi uma coisa planejada, mas o fato de eu me aproximar mais das famílias e de ser mais compreensiva, das mães pegarem o costume de conversar mesmo comigo, já cheguei a receber áudio de 10 minutos. Então isso permitia também fazer algumas cobranças maiores das quais elas se sentem mais encorajadas a responder, porque às vezes a gente mandava mensagem e era completamente ignorado, mas as mães que eu tinha um vínculo maior, de conversar e ela se sentir à vontade para falar comigo, eu sentia que eu podia... sabe assim ter uma cobrança maior. Então eu senti que fazer essa aproximação mesmo com elas era uma estratégia boa, com certeza.”*

Há o potencial de todos os atores sociais envolvidos se beneficiarem com o trabalho executado pelo agente, pois o aluno em sala de aula possivelmente se desenvolverá no processo de ensino-aprendizado, os professores poderão ter melhores resultados com suas turmas garantindo que todos tenham acesso ao conteúdo ministrado, conseqüentemente, a

escola inteira pode ser beneficiada com a melhoria dos resultados em provas nacionais que são aplicadas anualmente nas escolas públicas a fim de medir os conhecimentos dos estudantes, a sociedade seria a maior agraciada, uma vez que a educação e a vivência escolar são fundamentais para o desenvolvimento sociocultural do indivíduo.

Com as falas das entrevistadas podemos ir percebendo que o papel exercido pelo agente escolar é multifacetado, pois além de ponte, ele também precisa mediar situações e filtrar o que e por quem deve ser resolvido. Para isso, é necessário ter empatia, compreensão, atenção, firmeza e paciência, sem esses atributos o agente não consegue realizar o seu trabalho, pois cada aluno e sua família possuem suas particularidades.

### **3. CONTRA-ATACAR: A AGENTE ESCOLAR E O COMBATE À EVASÃO**

A problemática da evasão escolar é debatida e enfrentada há muitos anos no Brasil, sendo que o Ministério da Educação (MEC) afirma que a evasão é alarmante entre os jovens. Nesse sentido, visando diminuir os índices de crianças e jovens evadidas da escola, e ainda, o alcance da meta nº 2 do Plano Nacional da Educação - PNE, o MEC desenvolveu a ação “Estratégia Nacional de Enfrentamento de situações de Abandono e Evasão Escolar”, e através do canal de atendimento “Disque 100 Brasil na Escola”, o órgão em colaboração com outras entidades e redes de ensino, promove o encaminhamento dos registros de violação dos direitos das crianças e adolescentes ao acesso escolar.

Mesmo diante desse contexto que perdura há anos, os conceitos de evasão e abandono escolar ainda são muito vagos na literatura, assim, suas formas de interpretação não nos permitem chegar a uma definição precisa, nem mesmo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) ou o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) trazem definições claras do que se trata a evasão ou abandono escolar. De

acordo com Silva e Lima (2017), a evasão e o abandono representam um processo muito complexo, dinâmico e cumulativo de saída do estudante do espaço da vida escolar.

A diferença entre evasão e abandono escolar foi utilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep (1998). Nesse caso, “abandono” significa a situação em que o aluno desliga-se da escola, mas retorna no ano seguinte, enquanto na “evasão” o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar. Já o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica/Ideb (2012) aponta o abandono como o afastamento do aluno do sistema de ensino e desistência das atividades escolares, sem solicitar transferência. (SILVA; LIMA, 2017. p. 37)

Mediante o exposto, corroborando com Pelissari (2012 apud SOUZA; PEREIRA; RANKE, 2020. p. 4), empregarei o termo evasão escolar, num sentido mais amplo, abrangendo tanto a compreensão da não efetivação da matrícula pelo estudante, quanto o fato de o aluno deixar de frequentar a escola no decorrer do ano letivo.

De acordo Prado (2019), podemos afirmar que as expressões abandono, infrequência e evasão escolar representam situações distintas que ocorrem de modo processual e não obrigatoriamente de forma progressiva, mas que estão estreitamente relacionadas, podendo sua processualidade ser interrompida por meio das políticas educacionais. Entendendo a infrequência como passo inicial do processo que distancia o aluno do ambiente escolar e que muitas vezes culmina na sua evasão.

Segundo Alexandre José Pierini e Sonia Maria Cardozo dos Santos (2016, p.93), a infrequência ocorre quando o estudante começa a faltar muito às aulas. Assim, a infrequência pode ocasionar uma sucessão de problemas para o aluno, como a descontinuação dos conteúdos ministrados, a qualidade da aprendizagem, podendo até gerar a reprovação, que nos leva a distorção de idade/série e a evasão. A reprovação é tida como um dos motivos que ocasionam o abandono e a evasão escolar, pois o aluno tende a sentir-se desmotivado em dar continuidade aos estudos. De acordo com Maria Helena Souza Patto (1996, p.31), a reprovação e evasão são problemas muito antigos, e que estão presentes na educação brasileira desde a década de 1930, sendo uma das mais graves sequelas da falta de uma política educacional eficiente no país.

Como já definido anteriormente, entende-se que o abandono significa o desligamento do aluno da instituição sem o pedido de transferência, mas retornando no ano seguinte. Se, no ano subsequente, o aluno não tiver matrícula efetivada em nenhuma instituição de ensino, este entra para os índices de evasão. Desse modo, a infrequência e o abandono escolar, muitas vezes, levam à evasão escolar que é a saída definitiva do aluno da escola (PRADO, 2019 apud

PIERINI & SANTOS, 2016, p.94). Já para os autores Rafael Bianchini Glavam e Hélio Alves Cruz (2013, p.3), o “termo evasão escolar pode ser entendido como o abandono do aluno, ou seja, o rompimento do processo de ensino- aprendizagem por falta da presença do aluno”.

Ferreira (2013), afirma que “o fracasso escolar e a conseqüente evasão denotam o próprio fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que se vivencia no cotidiano, no qual a distância formada pela teoria e a prática desafia a inteligência do indivíduo”. Desse modo, a problemática da evasão escolar no sistema escolar brasileiro acaba por amplificar as assimetrias sociais, visto que o abandono acarreta a defasagem do ensino, e além de tudo, propicia que esses jovens evadidos sejam condicionados a subempregos e baixa remuneração. Em pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Neri (2009) aponta que o mercado de trabalho é um imperativo considerável na decisão do jovem que insiste em continuar seus estudos para que possa ser absorvido por ele, ou desiste e torna-se uma mão de obra desqualificada para garantir sua sobrevivência.

Diante dos problemas já enfrentados pela educação pública brasileira ao longo dos últimos anos, como corte de verbas e sucessivas mudanças no cargo de chefia do Ministério da Educação, o sistema educacional brasileiro teve seus problemas acentuados devido ao início da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 em 2020. Os efeitos da pandemia do novo coronavírus configuram-se como uma crise mundial que aflige setores e âmbitos da vida em sociedade, dentre eles, a economia, educação, política, entre outros. Segundo as diretrizes da Organização Mundial de Saúde, era necessário reduzir o contato entre as pessoas, desse modo, foram decretadas medidas de isolamento social objetivando salvar vidas, e assim os setores mais impactados com os fechamentos foram as escolas. Dessa forma, implementou-se na educação de crianças e adolescentes o ensino remoto.

A modalidade de ensino à distância evidenciou as desigualdades sociais que afetam a sociedade brasileira, assim, muitos alunos não dispunham de meios para realizar o EaD de suas residências, seja por não possuírem aparelhos eletrônicos, conexão à internet ou uma rede de apoio familiar. Houve, ainda, a demanda imediata de adaptabilidade às tecnologias da informação e às ferramentas digitais, às mudanças bruscas nas relações humanas com a exigência do isolamento social, à obrigatoriedade do uso de equipamentos de proteção individual e ao escasseamento ou à ausência de práticas de afetividade nos contatos humanos, em novas tendências ou expectativas de convivência, consumo ou sociabilidade (ARRUDA; SIQUEIRA, 2020 *apud* SOUSA; PEREIRA; FIALHO, 2021. p. 8).

Por conseqüência, a escassez de investimentos na educação pública e a efetivação das políticas educacionais, certamente acentuam a evasão e o abandono escolar. O Anuário



Brasileiro da Educação Básica (2021) apresentou que entre os 25% da população mais pobre somente 90,6% concluiu os anos iniciais do ensino fundamental I, comparada com os 97,9% entre os 25% mais ricos. Diante disso, podemos afirmar que a evasão é um problema que afeta com mais intensidade as famílias mais desfavorecidas.

Segundo os dados do Censo Escolar (2020), o número de matrículas nos primeiros anos do ensino fundamental I chegaram a 11.977.816. As taxas de matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental I no Brasil se mantiveram estagnadas em 98% por três anos consecutivos (2018-2020). De acordo com dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica (2021), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad), demonstrando que o número de crianças e jovens fora da escola em 2020 chegou a 158.888. Em 2019, de acordo com pesquisa realizada pelo MEC/Inep, os índices de abandono nos anos iniciais chegaram a 0,6% no Brasil. No mesmo ano, o Estado do Ceará apresentou 0,2% de abandono nos anos iniciais do ensino fundamental I, sendo a taxa mais baixa do Nordeste e ficando entre as 10 mais baixas do país. Contudo, no mesmo ano, o município de Fortaleza concentrou cerca de 0,4% de abandono escolar.

O Novo Plano Nacional de Educação - Lei nº13.005/2014, visando a resolução ou atenuação do problema da evasão escolar no ensino fundamental I, traçou algumas estratégias, por exemplo:

2.4) fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso, da permanência e do aproveitamento escolar dos beneficiários de programas de transferência de renda, bem como das situações de discriminação, preconceitos e violências na escola, visando ao estabelecimento de condições adequadas para o sucesso escolar dos (as) alunos (as), em colaboração com as famílias e com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, adolescência e juventude;

2.5) promover a busca ativa de crianças e adolescentes fora da escola, em parceria com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, adolescência e juventude;

Assim como as estratégias traçadas pelo novo Plano Nacional de Educação, a Secretária Municipal de Fortaleza desenvolveu um sistema que objetiva a redução dos índices de evasão no município. Segundo matéria publicada no site oficial da Câmara Municipal de Fortaleza<sup>3</sup>, o sistema Busca Ativa, é um importante mecanismo para erradicação da evasão escolar, sendo uma estratégia própria que acompanha em tempo real a frequência escolar dos alunos da rede municipal de ensino.

---

<sup>3</sup> [Educação: sistema desenvolvido pela SME reduz evasão escolar em Fortaleza « Câmara Municipal de Fortaleza \(cmfor.ce.gov.br\)](http://cmfor.ce.gov.br)

O sistema atua no acompanhamento da frequência, possibilita o registro das estratégias e contatos realizados com os familiares, e ainda, conta com envio de ofício ao Conselho Tutelar. Desse modo, a fim de assegurar o direito de crianças e adolescentes à educação, garantindo o encaminhamento e atendimento daqueles que evadiram, é necessária a cooperação de alguns órgãos. Nesse sentido, participam da ação a Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social e Secretaria Estadual de Educação.

Durante a pandemia, o sistema continuou funcionando e a participação dos alunos nas aulas remotas foi monitorada. Para a realização desse trabalho, existe uma equipe em cada distrito de educação, que conta com um articulador e seis agentes exclusivos. Com a contratação dos agentes escolares foi possível expandir o monitoramento para dentro das unidades escolares, fortalecendo o vínculo da instituição de ensino com os alunos, familiares e toda a comunidade escolar. De acordo com Dalila Saldanha, secretária de educação do município, em fala no Webnário Abandono e evasão na pandemia<sup>4</sup>, promovido pela Associação de Jornalistas da Educação (Jeduca), afirma que houve diminuição das taxas de abandono e reprovação nas escolas da rede de ensino de Fortaleza, destacando que o sistema adotado pela secretaria procura entender o perfil e os motivos que ocasionam as faltas dos alunos.

Desse modo, a partir do acompanhamento dos casos de infrequência, tem sido possível elevar a frequência diária dos estudantes e também a redução do abandono. Portanto, é necessário entender o papel desempenhado pelo agente escolar e quais as estratégias que desenvolvem, uma vez que este ator social lida diretamente com os casos de infrequência e de possíveis situações de abandono e evasão escolar. Assim, o agente escolar foi o plano de contra-ataque desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e sua Secretaria Municipal de Educação, para frear esse problema tão antigo e sério para educação pública.

### **3.1. VIVÊNCIAS E REFLEXÕES: ALÉM DOS MUROS**

O plano de contra-ataque dos agentes escolares é realizado também fora dos muros das escolas, quando o mesmo se desloca até a casa dos estudantes para realizar a visita domiciliar, a penúltima etapa da busca ativa. De acordo com as agentes entrevistadas, elas compreendem que a visita domiciliar em alguns casos é a única forma de contato e de real resgate do aluno para a escola, posto que muitos responsáveis não possuem aparelho celular ou qualquer outro

---

<sup>4</sup> [\[WEBINÁRIO\] Abandono e evasão escolar na pandemia - YouTube](#)

meio de contato. As visitas domiciliares em grande parte são realizadas a pé, assim o agente caminha pelas ruas do bairro em busca do aluno infrequente, tornando-se conhecido pela comunidade.

A visita domiciliar é um dos meios mais utilizados pelo agente escolar quando um discente tem faltas recorrentes. Com isso, o agente é inserido em campo para compreender os motivos que estão gerando as infrequências. Entretanto, ao entrar em campo, os agentes se despedem da “segurança” da escola e colocam-se muitas vezes em risco. Segundo os relatos das entrevistadas, elas muitas vezes passaram por situações desconfortáveis ou até mesmo de risco, uma vez que não receberam treinamento adequado para entrar em campo ou até mesmo de como realizar uma abordagem eficaz com as famílias.

O fato de os agentes escolares serem do bairro, ou pelo menos, bairro adjacente à escola, facilita um pouco as buscas, visto que muitas vezes o agente não consegue contato com os responsáveis, mas despretensiosamente acaba encontrando-os em algum estabelecimento ou até mesmo na rua.

Gisele relatou uma situação na qual passou cerca de quatro dias tentando contato com os responsáveis de um dos alunos e não obteve retorno dos mesmos. No fim de semana, acabou os encontrando no shopping junto com a criança. Os pais foram rapidamente falar com a agente para explicar a situação, mesmo estando fora de seu horário de trabalho. Podemos perceber que os agentes acabam não tendo mais uma vida pessoal e profissional separadas, em todos os lugares que os pais ou as crianças encontrarem o mesmo, se for um aluno infrequente é quase certo que os pais e/ou responsáveis irão tentar justificar as faltas de seu filho.

A agente Laura também trouxe um relato parecido com o vivenciado por Gisele. Segundo ela:

*“tiveram situações em que faltou a internet da escola e a gente utilizou do nosso celular. Assim que a gente chegou, prometeram para a gente um chip e um tablet, que foi dado. Porém a gente não conseguiu utilizar esse chip para cadastrar o WhatsApp profissional né?! Então eu passei a utilizar meu WhatsApp pessoal, o que foi muito ruim pelo fato de que desde aquele momento eu criei um vínculo com as famílias de que elas achavam possível, achavam legal me ligar às 20:00 horas. Já cheguei a receber ligação 23:00 horas, já recebi ligação às 5:40 da manhã para avisar que o aluno não iria naquele dia. Então acabou sendo meio que uma invasão mesmo da minha vida profissional entrando na minha vida pessoal e eu acho que nessa parte foi um pouco ruim sim. Claro que a gente sabia*

*dos riscos quando a gente entregou o nosso WhatsApp, mas a gente só queria atuar bem naquele momento, era uma forma de melhorar nossa comunicação com a comunidade escolar.”*

Os agentes passam a ser atravessados pelo cargo que ocupam na escola. Uma das agentes o nomeou como “guardiões da frequência”, são eles que fazem esse acompanhamento diário da presença dos alunos na escola e a busca pelos ausentes que se somados podem chegar a quase 100 alunos diariamente, pois veja uma escola com aproximadamente 600 alunos e em torno de 25 turmas juntando os dois turnos, se faltar no mínimo 3 alunos por turma, ao fim do dia o agente terá realizado pelo menos 75 buscas.

O trabalho do agente é evitar que os índices de infrequência da escola em que atua se elevem, por isso a importância de saber o que está acontecendo, quais as motivações e quando o aluno retornará para a escola. De acordo com a agente Gisele, ela enxerga a função do agente como essencial na escola, pois previne os casos de abandono ou evasão. Segundo ela, se durante sua vida escolar o cargo já existisse, ela não teria abandonado a escola no último ano do ensino médio, devido a uma grande crise de ansiedade que teve. Ela relatou que quando vivenciou o abandono escolar, ninguém da escola se prontificou a saber o que estava acontecendo com ela ou as motivações que geraram o seu abandono. Para ela, o que a motivou a participar da seleção para agente escolar foi justamente ter lembrado o seu passado e desejado que houvesse alguém para ter feito isso por ela. Assim, a sua motivação para o cargo foi uma experiência pessoal, e hoje ela trabalha satisfeita buscando sempre acolher as demandas que chegam dos alunos infrequentes, se colocando sempre a disposição dos responsáveis para resolver os prováveis problemas e garantir que a criança retorne o mais rápido possível.

Gisele relata ainda que no início foi muito difícil a comunicação com os pais, pois eles sempre se colocavam em uma posição defensiva em relação ao trabalho do agente. Talvez eles ainda não entendessem de fato o que é o trabalho do agente. Segundo ela, apesar da relação já ter melhorado muito, os responsáveis:

*“ainda não estão adaptados, eles ainda se incomodam muito. Os pais quando a gente liga, quando a gente vai atrás, a frase que eu mais escuto é “nem escola particular tem isso aí”, então eu tento colocar na cabeça deles que é um projeto maravilhoso, que faz fortalecer a vida escolar do filho deles. Porque chegar numa fase de um aluno de segundo ano, faltando 15 dias e ninguém sabia.”*

Desse modo, os pais muitas vezes adotam uma postura mais defensiva e acabam não colaborando com os agentes na missão do combate à evasão. A agente Laura, relata que:

*“um familiar se ‘bater’ com uma pessoa da escola para dizer que ‘meu filho não vai, que tal coisa’ e deixar isso tão jogado. Então, acho que mais a questão de percepção de preciso atuar de fato na educação de uma forma mais direta e realmente não na educação somente em si, mas trazer o aluno é um desafio muito grande. Eu acho que desenvolvi muito essa ideia, essa meta de trazer mesmo a criança para escola, de conquistar a família, de conscientizar a família né?! Tentar socializar mais essa ideia que às vezes parece tão distante para eles a questão da importância da educação e eu acho que foi uma das melhores coisas para desenvolver”.*

Assim, a falta de colaboração dos pais e/ou responsáveis torna-se um dos maiores desafios do agente escolar na função, pois já se mostrou necessário que essa relação aconteça de forma fluida visando o melhor para a criança.

Laura vivenciou casos relacionados a responsáveis que apesar de existir o contato e visitas, algumas famílias não assumiram o compromisso de garantir a presença de seu filho na escola. Laura, diz que:

*“eu acho que a coisa que a gente mais trabalha é o contato com a família mesmo. Porque embora a gente tem pessoas que querem realmente conversar com você, tem algumas que é como se fosse um muro, você tá falando ali e a pessoa concorda “beleza, é verdade!”, mas não se via resultado. Então você tinha que buscar sempre mais daquela família para poder compreender que a gente queria o aluno dentro da escola, que a gente só quer o bem do aluno quando a gente quer trazer ele para escola. Então assim, já aconteceu da gente, sei lá, todo dia falar com a mãe e dar 7:30 da manhã, a gente vê que o aluno não estava lá e a gente ligar pra saber porque o aluno não estava lá. E aí também seguir para várias visitas em uma mesma residência, de realmente passar o caso para coordenadora e para diretora toda vez que aquele responsável com o aluno,*

*chegasse na escola já fosse direto falar com elas. Como um reforço de tentar trazer a ideia de que a educação é muito importante para o aluno.”*

Outro desafio relatado pelas agentes entrevistadas está nos riscos que correm nas ruas quando vão realizar a visita domiciliar. Quando questionadas sobre esses riscos, elas relataram que se sentem desprotegidas por não terem nenhum tipo de identificação para que possam ser reconhecidas como agentes escolares ou até mesmo como funcionários de uma escola. Assim, com a falta dessa identificação, os agentes precisaram encontrar saídas para diminuir os riscos de entrar em campo, uma vez que as escolas nas quais atuam estão localizadas na periferia de Fortaleza, sendo o bairro apontado pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará através dos dados coletados pela Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança como um dos mais violentos da capital cearense e possuindo um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do município atingindo apenas 0,14. Assim, uma das saídas encontradas pelas agentes entrevistadas foi sempre levar a pasta do estudante que estava indo realizar a visita domiciliar. Sabemos que as periferias de Fortaleza são um campo um tanto perigoso, visto que, há atuação de facções criminosas dentro do Estado do Ceará, no bairro em que as agentes atuam a presença da facção criminosa carioca Comando Vermelho é muito forte, sendo possível identificar pichações nos muros com avisos como: *“Ao entrar abaixar os vidros e retirar o capacete”, “C.V”, “Tudo 2, não passa nada”, “Se roubar, vai morrer”,* entre outras frases utilizadas pelos membros da facção criminosa para identificação da tomada de território.

Laura traz um relato interessante sobre uma das primeiras visitas que ela realizou. Segundo ela:

*“na primeira visita, eu lembro que a gente foi visitar uma família que era um dos casos que a gente acompanhava realmente mais de perto. E aí quem recebeu a gente foi uma criancinha que devia ter uns 5 anos e em seguida apareceu um dos alunos que a gente tava buscando, acho que ele tinha uns 7 anos, se não me engano. E aí ele foi até a porta, abriu um pouquinho da porta e perguntou o que a gente queria, a gente escutava o adulto lá atrás falando para ele dizer coisas né? Então ele olhava para a gente e olhava para trás, e aí numa dessas coisas ele disse: “não, minha mãe não tá aqui não, tô sozinho em casa.”, só que a gente sabia que tinha gente lá dentro. E aí, dias depois quando a gente foi visitar essa mesma família, no caso na casa da avó dessas crianças, a mãe havia informado*

*que ela não podia abrir a porta, porque podiam indicar na comunidade que ela tava recebendo visitas de policiais ou qualquer outra coisa que talvez eles se sentissem ameaçados. Então, eu lembro que nesse momento eu fiquei com medo mesmo, assim pela comunidade que eu entrei, nada que eu não tô acostumada né? Mas pela situação que eu passei mesmo, de ficar ali batendo e ficar no meio da rua né, numa rua desconhecida”.*

Desse modo, podemos perceber que quando os agentes ultrapassam os muros da escola estão expostos a situações adversas para as quais muitas vezes não estavam preparados. Laura continua um relato sobre as experiências que vivenciou durante as entradas em campo:

*“a gente realmente entra na comunidade né?! Então a gente foi para lugares que a gente olhava em volta e ficava ‘eles estão olhando a gente estranho’, mas a gente entrava com a pasta da escola e tentava ao máximo já entrar no diálogo “olha, eu sou da escola tal e queria saber se você sabe do aluno tal”, sentia que a comunidade colaborava com a gente e nunca fui recebida de uma maneira assim ruim.”*

Laura ainda completa o relato com um desabafo relativo à falta de formação: *“e aí assim, quem é a pessoa que vai imaginar que vai se colocar numa situação de risco no seu trabalho e pensar: “Meu Deus, eu vou chegar lá e falar o quê né?!”, porque não falaram para a gente de verdade como seria. Só falava você vai atuar na diminuição da evasão escolar. De que forma? Não se sabe”.*

Assim, podemos perceber como a falta de formação acabou afetando o trabalho dos agentes no início. Foi deixado a cargo de cada escola como iriam desenvolver suas estratégias e como lidariam com os casos. Gisele faz um relato nesse sentido, quando iniciou no cargo:

*"pensava que ia ter formação. Quando foi lançado o edital falaram que ia ter as formações, eu não... se vai ter formação, vai todo mundo caminhar junto na mesma linha né?! Vai ter uma pessoa que já fez isso, já fez esse trabalho de campo. Ela já conhece, e aí já tem uma estratégia montada pela vivência que ela tem, geralmente temos né?! E vai fazer com que nós andássemos todos na mesma linha e pelo que eu percebi não. Cada um criou uma linha de estratégia diferente.”*

Gisele também relata uma experiência que a marcou muito durante as visitas domiciliares e sua importância no combate à evasão:

*“não existe abordagem melhor para a família dos mais faltosos, do que a família lhe ver na casa deles. É uma coisa que bate ali, que quebra, eles ficam sem palavras quando vê alguém ali da escola. Eu já cheguei em uma casa em que a mãe era usuária de drogas e quando você chega e diz que é da escola e precisa falar com o responsável pela criança (...). É como se o mundo estivesse desabando para aquele responsável. Então o agente escolar não pode ter medo de enfrentar essas situações, porque ele precisa mostrar, conseguir conscientizar o adulto que a responsabilidade é dele, fazer com que ele assine o termo”.*

Desse modo, podemos também captar mais uma postura ativa que o agente precisa se colocar, o diálogo com os responsáveis na tentativa de fazê-los entender a importância da criança na escola e seu lugar na educação de seus filhos.

Gisele completa ainda relatando um episódio de visita domiciliar vivenciado por ela durante sua atuação em campo:

*“no WhatsApp eles respondem, mas nada melhor do que você vê ali a situação realmente acontecendo. Porque às vezes uma mãe pode me mandar uma mensagem dizendo que o menino tá doente, como aconteceu com esse caso, 15 dias e o aluno doente, gripado. A gente pergunta: “Levou para o hospital? Não, não levei para Hospital”; “E aí, melhorou? Não, não melhorou. Está com febre, dor de cabeça. Então chega a hora de irmos lá, vamos ver o que tá acontecendo. Chegamos lá e não era o aluno doente. Era simplesmente a mãe que era usuária de drogas e ela não fica muito bem quando tá em crise, os avós que moram juntos, já estão debilitados e não conseguem levar o aluno para escola. Então o aluno passava o dia na calçada. Então é isso [que] eu tô falando, o agente não pode ter medo de sair das paredes da escola, o agente escolar não é parade de escola. Ele é pra estar na rua!”*

Desse modo, apesar das situações conflitantes e de risco que os agentes estão expostos diariamente, é possível notarmos que eles compreendem bem a importância do papel social



que exercem na vida das crianças e em toda a comunidade. Quanto às estratégias, é possível perceber como cada agente e unidade escolar desenvolveram as suas, partindo das necessidades que precisavam ser atendidas e dos recursos disponíveis no momento. Podemos também apontar que a falta de formação adequada afetou o desenvolvimento do trabalho dos agentes escolares, mas não foi um impeditivo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos estudos realizados durante a elaboração desse trabalho, foi possível percebermos que a evasão é um problema grave e antigo, podemos dizer que acompanha a educação desde sua origem. Várias são as razões que levam um aluno a evadir. No caso de alunos mais novos, a quantidade de razões se eleva ainda mais: existem casos em que os estudantes não possuem apoio e incentivo fundamental por parte dos familiares, assim, os casos podem variar desde motivações mais simples como um familiar que têm problemas em cumprir com os horários da escola, ou até mesmo casos que envolvem drogadição, abandono familiar e até mesmo casos de cárcere privado.

Devido a pandemia, a situação relativa à evasão escolar só aumentou, pois acumulou a todas as razões já existentes uma série de outras questões trazidas pelo isolamento social. Devido ao medo da contaminação pelo COVID-19, foi necessária toda uma readaptação das escolas na tentativa de manter a educação da melhor forma possível para o momento, só que junto com as adaptações, vêm as dificuldades enfrentadas pelas famílias, como falta de recursos tecnológicos, falta de acesso à internet, falta de espaço apropriado dentro de seus

lares para acesso de forma adequada por parte dos alunos, até mesmo falta de habilidades para com a tecnologia, além da sensação de insegurança e incerteza causadas pelo novo, bem como as questões psicológicas suscitadas ou fortalecidas pelo isolamento social.

Nesse contexto, a especificidade da atuação do agente escolar como mais um ator importante nas escolas de Fortaleza, em especial aquelas que mantêm turmas do Ensino Fundamental I, e a expectativa de que esta atuação consiga reduzir os índices de evasão escolar em contexto de pós pandemia da COVID-19 e aperfeiçoar processos de ensino-aprendizagem, em torno de metodologias inovadoras voltadas à melhoria da qualidade da educação no país. A Prefeitura Municipal de Fortaleza, ao desenvolver o pacote “Volta às aulas”, pensou nos índices de evasão que poderiam aumentar em virtude da situação atípica que estávamos vivenciando naquele momento, assim a inserção do Agente Escolar nas escolas municipais foi uma ação estratégica visando a contenção desses índices.

A partir do exposto, verifica-se que o agente escolar é aquele profissional que está envolvido com toda escola e comunidade escolar, uma vez que desenvolve um trabalho desde a direção, passando pelo corpo docente, discente e familiares. Ele ainda pode ser percebido pelos alunos como uma extensão do corpo docente, pois é nessa figura que o estudante encontrará amparo nas suas aflições dentro da escola. E, pensando no agente escolar como uma extensão da figura do professor, é também ele que pode gerar no aluno o gosto pela escola, quanto mais motivado e empolgado o aluno estiver em relação à escola, mais afastado estará da evasão escolar.

Desse modo, podemos perceber a partir dos relatos trazidos pelas entrevistadas que a inserção destes profissionais/voluntários no ambiente escolar tem sido positivo para a instituição, para os alunos e suas famílias, e conseqüentemente para a sociedade, logo o agente possui um importante papel de mediação social na relação entre escola e família.

Apesar de todos os desafios enfrentados pelos agentes durante o período de familiarização com o cargo e a falta de treinamento para a execução do seu trabalho, podemos perceber que o agente se manteve em uma postura resolutiva frente aos problemas que viria a enfrentar, possibilitando uma real construção de vínculo entre família e escola, despertando também o senso de pertencimentos dos alunos e a importância dos estudos. Logo, podemos notar que o agente não executa apenas o papel de mediador dessa relação, ele exerce muitas vezes o papel de conscientizador.

Assim, o papel do agente escolar mostra-se essencial no contexto escolar para que o mesmo possa mediar as situações necessárias com todos os envolvidos no processo educativo, garantindo o sucesso das relações entre os mesmos, o que repercutirá em um ambiente

emocionalmente saudável e receptivo aos alunos, conseqüentemente, contribuindo para a diminuição do número de alunos evadidos. É através dessa perspectiva que o agente escolar vai conseguir trabalhar no combate à evasão escolar, posto que seu trabalho é preventivo, ele deve estimular no aluno e na família o gosto pela escola e a consciência pela necessidade dos estudos para seu amplo desenvolvimento social e crítico.

As agentes escolares citam também o trabalho coletivo que acontece com toda escola e comunidade escolar, pois esse profissional acolhe as famílias, auxiliando-as nas demandas necessárias e contribui com as dificuldades que o corpo docente e a gestão da unidade escolar possam apresentar.

Sobre a evasão, todas evidenciam que essa diversidade na rotina do agente escolar somada ao efeito de suas ações colabora para um trabalho preventivo em relação à evasão escolar e que, por muitas vezes, as razões que levam um aluno a evadir são alheias a sua própria vontade, como por exemplo necessidade de trabalhar ou demanda excessiva de trabalho dos pais que, conseqüentemente, não conseguem ser presentes na vida escolar dos filhos.

O projeto tem se mostrado eficiente, uma vez que os agentes tiveram seu contrato de trabalho renovado por mais um ano. Dentre as agentes escolares que foram entrevistadas, somente uma delas relatou um caso de evasão em sua escola, as demais tiveram casos de muita infrequência, mas não chegaram a culminar em um caso de abandono e/ou evasão escolar.

Podemos concluir que os maiores desafios enfrentados pelos agentes estão muitas vezes relacionados a algumas dificuldades na comunicação com os pais e/ou responsáveis, bem como os riscos que sua inserção em campo pode expor. A falta de uma identificação para entrar em campo foi pontuada pelas agentes também como uma das dificuldades.

Portanto, a partir das experiências transmitidas pelas agentes e o que foi observado durante esse trabalho, podemos concluir que o cargo de agente escolar é excessivamente importante nas escolas públicas municipais de Fortaleza, posto que a relação de parceria entre escola e família melhorou demasiadamente com a inserção dos agentes nas unidades escolares, conseqüentemente, a parceria tem gerado melhores índices de frequência escolar, resultando a cada dia uma menor propensão de abandono ou evasão escolar e uma significativa melhora nos processos de ensino-aprendizagem, uma vez que, os alunos ao manterem uma rotina de estudo, estão mais propensos a ter um maior desenvolvimento socioeducativo.

Este trabalho expressa especialmente um exercício de pesquisa, que envolveu a

identificação de um problema e também de uma abordagem que escapasse aos limites estritamente pedagógicos e incorporasse dimensões relativas ao aprendizado social em torno do desempenho de uma função ou profissão. Por este motivo, busquei dar voz às agentes escolares entrevistadas, o que significou, também, partilhar a minha própria experiência como agente escolar. Muitas questões podem ser amadurecidas a partir desta pesquisa, e que dialoguem mais diretamente com a literatura acadêmica das ciências sociais. Ainda assim, creio que o trabalho pode e deve ser lido como o exercício de construção de um olhar sociológico, que interroga as experiências para produzir uma percepção renovada das situações sociais estudadas.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, J. S.; SIQUEIRA, L. M. R. C. Metodologias ativas, ensino híbrido e os artefatos digitais: sala de aula em tempos de pandemia. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, v. 3, n. 1, p. e314292, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v3i1.4292. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4292>. Acesso em: 31 mar. 2022

AQUINO, Sofia Rafaela Oliveira De et al.. **Nada consta: uma revisão sistemática de literatura sobre evasão escolar e a população negra**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61188>>. Acesso em: 04 ago. 2022 .

BARROS, Lenita. **Um destaque à ação do orientador educacional diante da evasão escolar**. 2010. Monografia (Especialista em Orientação Educacional e Pedagógica) - Instituto a Vez do Mestre, Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, p. 41. 2010.

BRANCO, Emerson Pereira et al. **Evasão escolar: desafios para permanência dos estudantes na educação básica**. Revista Contemporânea de Educação, v. 15, n. 33, mai/ago. 2020. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v15i34.34781>> . Acesso em: 01 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021**. Disponível em: <[Anuario\\_21final.pdf \(todospelaeducacao.org.br\)](#)>. Acesso em: 07 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo da Educação Básica 2020**. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf)> . Acesso em: 01 ago. 2022.

BELO, Carla. **Evasão escolar e a contribuição do orientador educacional**. Monografia (Especialista em Orientação Educacional e Pedagógica) - Instituto a Vez do Mestre, Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, p. 47. 2011.

BENAVENTE, A., CAMPICHE, J., SEABRA, T.; SEBASTIÃO, J. (1994). **Renunciar à Escola: O Abandono Escolar no Ensino Básico**. Lisboa: Fim do Século.

BEZERRA, Vitor Rodrigo Gimenez et al. **Avaliação do impacto das políticas educacionais em Sobral sobre evasão escolar**. 2018, Anais.. Niterói: ANPEC, 2018. Disponível em: <[https://www.anpec.org.br/encontro/2018/submissao/files\\_I/i12-c7627745584386158a69a2ea52562802.pdf](https://www.anpec.org.br/encontro/2018/submissao/files_I/i12-c7627745584386158a69a2ea52562802.pdf)> Acesso em: 01 ago. 2022.

BRASIL. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020**. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

BRASIL ESCOLA. **Fracasso e evasão escolar**. Disponível em: <[Fracasso e Evasão Escolar - Educador Brasil Escola \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/educacao/brasil-escola/)>. Acesso em: 31 de mar. 2022.

DAMASCENO, V. S. **Evasão escolar na educação básica: um estudo em escolas públicas do ensino médio em Bacabal - MA**. Monografia (Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia) - Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, p. 42, 2021.

DA ROSA, S.; QUINTANILHA DA SILVA, M. (2021). **Relação entre pobreza e evasão escolar: um aporte teórico**. Cadernos Acadêmicos Unina, 1 (1). Disponível em: <<https://doi.org/10.51399/cau.v1i1.35>>. Acesso em 01 de ago. 2022.

DOS SANTOS, J. A. **Reflexões sobre evasão escolar: uma problemática na educação brasileira**. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. X, n. Y - p. 1 - 11, 2020.

GAGO, D. R; CORBELLINI, S. **Orientação educacional: o combate à evasão escolar na pandemia**. Faz Ciência, vol. 23, n. 38, Jul/Dez de 2021 – p. 118 - 143

IDEB. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Formação em Ação, 2012. Disponível em: <[Índice de Desenvolvimento da Educação Básica \(Ideb\) — Inep \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/ideb/)> Acesso em: 30 de mar. 2022.

IPEA. **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia**. Disoc, n. 88, Agosto de 2022. Disponível em: <[NT\\_88\\_Disoc\\_AcesDomInternEnsinoRemoPandemia.pdf \(ipea.gov.br\)](https://ipea.gov.br/NT_88_Disoc_AcesDomInternEnsinoRemoPandemia.pdf)> Acesso em: 18 de jun. 2022.

GLAVAM, Rafael Bianchini; CRUZ, Hélio Alves da. **Estudos da evasão escolar nos cursos profissionalizantes em uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial de Santa Catarina** – SENAI, X Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia \_ SEGET, 2013.

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

MENUZZI, S. M. G; AMARAL, N. V; PINTO, M. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020 e sua relação com as Políticas Educacionais.** Revista de Estudos Interdisciplinares. v. 3, n.1, jan-fev, 2021. p. 39-50.

Mesmo com pandemia, apenas 0,1% dos estudantes não concluíram o ano letivo de 2020 em Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza. 01 de abril de 2021. Disponível em: <[Mesmo com pandemia, apenas 0,1% dos estudantes não concluíram o ano letivo de 2020 em Fortaleza - EducaLab - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](#)> Acesso em: 07 de ago. 2022.

MILET, R. M. L. **A orientação educacional que ultrapassa os muros da escola.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, p. 234, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, V. B.; CASTELAR, P. U. C; ARRUDA, E. F. **O impacto da violência urbana nos indicadores de evasão escolar no município de Fortaleza (CE) em 2012.** Educação em Debate, Fortaleza, ano 43, nº 84, jan/abr. 2021.

NERI, Marcelo Cortês. **Tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola.** Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009.

NERI, M. C; OSORIO, M.C; **Evasão escolar e jornada remota na pandemia.** Revista NECAT. Ano 10, nº 19, Jan-Jun,2021.

NOGUEIRA, Rochelle. Educação: sistema desenvolvido pela SME reduz evasão escolar em Fortaleza. **Câmara Municipal de Fortaleza**, 2020. Disponível em: <[Educação: sistema desenvolvido pela SME reduz evasão escolar em Fortaleza « Câmara Municipal de Fortaleza \(cmfor.ce.gov.br\)](#)> Acesso em: 07 de ago. 2022.

OCDE. **The Impact of Covid-19 on Education:** Insights from Education at Glance 2020. Setembro de 2020.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PIERINI, Alexandre José; SANTOS, Sonia Maria Cardozo. **O combate à infrequência escolar de crianças e adolescentes:** a participação da rede de proteção social no programa. Revista Brasileira Multidisciplinar – ReBraM, Vol. 19, N.1 Julho 2016

POLAK, Y. N. S.; DINIZ, J. A.; SANTANA, J. R. **Dialogando sobre metodologia científica.** Fortaleza: UFC, 2011.

PRADO, N. C. **Programa agente da educação no município de Salvador – Bahia: um estudo sobre a percepção dos agentes da educação no combate à evasão no ensino fundamental I - 2015-2017.** Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania). Universidade Católica de Salvador. Salvador, p. 111, 2019.

REHBEIN, Elisa Cortes et al. **A evasão escolar na adolescência sob o olhar da psicologia: revisão de literatura.** *Disciplinarum Scientia. Série: Sociais Aplicadas*, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 139-156, 2021.

SHIRASU, M. R. **Determinantes da evasão e repetência escolar no Ceará.** Fortaleza: UFC, 2014.

SILVA, Ana Maria da Silva e. **Evasão escolar: causas e estratégias para enfrentamento.** Monografia (Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 59, 2020.

SOUSA, A. C. B; PEREIRA, A. S. M; FIALHO, L. M. F. **A história da educação do Ceará em tempos de pandemia e o ensino remoto: memórias, conjuntura social e ressignificação do trabalho docente (2020-2021).** *Revista Liberato, Novo Hamburgo*, v. 22, n. 37, p. 01-120, jan./jun. 2021.

SOUZA, C. M. P., PEREIRA, J. M. RANKE, M. C. J. **Reflexos da Pandemia na evasão/abandono escolar: a democratização do acesso e permanência.** *Revista Brasileira de Educação do Campo. Tocantinópolis*, v. 5, p. 1-20. 2020. DOI: <<http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e10844>>.

SPRINGER, Monalise. **Evasão escolar.** Monografia (Especialização em Gestão Escolar) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 30, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamentos e método.** 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.